

Ensino Religioso e a literatura

Religious Education and the literature

*Sérgio Rogério Azevedo Junqueira**

*Cláudia Regina Kluck***

Resumo

Como resultado do projeto “Concepções e Recursos do Ensino Religioso” com objetivo de analisar o contínuo processo de construção das diferentes concepções estabelecidas nas unidades federativas do território nacional e de suas estratégias, foi analisado um dos recursos utilizados na organização das aulas do Ensino Religioso no uso das narrativas. O artigo apresenta elementos teóricos sobre aspectos da literatura e sua relação com textos localizados nos 745 livros didáticos que estão depositados na Biblioteca Wolf Gruen, em Curitiba (PR). Esta pesquisa qualitativa documental permite verificar como o uso das narrativas é efetivamente utilizado na disciplina do ensino religioso.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Literatura. Narrativa.

Abstract

As a result of the project "Conceptions and Resources of Religious Education" with the objective of analyzing the continuous process of construction of the different conceptions established in the federal units of the national territory and its strategies. Among the resources used in the organization of Religious Education classes we have the use of narratives. The article presents theoretical elements on aspects of literature and its relation with texts located in the 745 textbooks that are deposited in the Wolf Gruen Library in Curitiba (PR). This qualitative documentary research allows us to verify how the use of narratives is effectively used in the discipline of religious teaching.

Keywords: Religious Education. Literature. Narrative.

* Livre Docente e Pós-Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutor e Mestre em Ciências da Educação pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião. E-mail: srjunq@gmail.com

** Mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Licenciada em Pedagogia (UCB) e em História (UNOPAR), pesquisadora do do Grupo de Pesquisa Educação e Religião. E-mail: claudiakluck@gmail.com

Contexto da pesquisa

Este artigo é um dos resultados do projeto “Concepções e Recursos do Ensino Religioso” cujo objetivo foi analisar o contínuo processo de construção das diferentes concepções da disciplina, suas estratégias e recursos. Atualmente são utilizadas narrativas para as aulas de Ensino Religioso, quais sejam: textos religiosos, como histórias bíblicas; textos da literatura nacional; ou outras de outra tipologia textual.

As diferenças encontradas remetem a uma reflexão, ainda que breve, sobre a forma e função que a Literatura parece assumir, em especial fábulas e contos – já que de forma geral permeiam a Educação, em especial no Ensino Fundamental.

No campo das narrativas religiosas verifica-se a hegemonia cristã de parábolas, salmos, cânticos e a história de Jesus, que transformados em textos ilustrados são denominados inclusive como “Histórias Sagradas”. Estas narrativas tomam a função do próprio conteúdo da disciplina, conforme revelado em pesquisa documental em 745 livros didáticos que estão depositados na Biblioteca Wolf Gruen em Curitiba (PR).

1. Literatura: formas assumidas na Educação

Especialmente no Ensino Religioso, mas também em outras disciplinas escolares, as fábulas costumam ser apresentadas com uma moral pronta, normalmente ao final da leitura. Essa estrutura oferece pouca condição para reflexão e questionamentos a respeito do material lido ou apresentado, tolhendo o pensamento crítico.

Algo de improdutivo é apresentar a moral de uma história, sem que o estudante possa elaborar seu pensamento e conquistar uma ou mais lições que o texto pode trazer, tornando cada leitor e leitura sensíveis às informações as quais são expostos. Ao findar e dar de pronto a “moral” da história, também é privado ao estudante o prazer da descoberta, da construção, da instrução como partícipe real do processo – e não mero expectador, e já indicava ser necessário que “seu espírito não deve permanecer tão passivo diante de tudo o que lhe disserdes que não tenha absolutamente nada a fazer para vos compreender” (Rosseau, 2004, p.

345), orientação que transborda as matérias do currículo escolar e alcança as aulas de Ensino Religioso, e também para outras tipologias textuais.

É possível aferir que existem materiais literários, e também do Ensino Religioso, que endereçados à sala de aula, e portanto didáticos, contrariam o intuito pedagógico de formação que promova a interação, a reflexão e a crítica, esquivando-se de formar o pensamento crítico e reflexivo. Destarte, ainda se faz necessário que, com relação às fábulas especialmente, mas não exclusivamente, a escola impulse o leitor a uma postura crítica perante a realidade e oportunize também através da literatura infantil condições para a transformação de sua (re)leitura do mundo.

Talvez dessa forma a passividade do ato de aprender, e fruir com relação à Literatura, venha ser substituída por experiências significativas, que acompanharão cada ser humano *ad eternum* por ser resultado de conquista pessoal em sua elaboração, pois a cena explorada em alguns suportes textuais poderá ter conexão com o mundo íntimo, colaborando na elaboração de respostas coerentes aos desafios da aprendizagem humana (Yunes; Pondé, 1988, pp. 45-47)

Olhando para os livros didáticos do Ensino Religioso, para além dos desafios do trabalho com fábulas, ainda há muito espaço para que se promova um trabalho fundamentado na interação, cooperação, artes, imaginação e brincadeiras. Trabalho esse que, transbordando à ação docente, atenda de forma excelente os processos de aprendizagens nas diferentes facetas humanas: cognitiva, afetiva, imaginativa, criativa, lúdica, estética, motora e também religiosa. Dessa forma é possível que docentes e estudantes possam, por meio dos conteúdos, das vivências e questionamentos (de ambos), elaborar o meio e a realidade em que vivem (Rego, 1988, p. 39-41).

Tendo bem definidos os tratamentos didáticos aos materiais, tanto portadores textuais como livros didáticos, permite-se que cada estudante atualize seus conhecimentos e a reflexão sobre as diversas experiências religiosas, expressas de formas diferentes e olhando para diferentes culturas do cotidiano, podem concretizar uma aprendizagem “compreendendo todos os significados das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas e refletindo atitude moral diferenciada como consequência do fenômeno religioso” (PCNER, 2002, p. 40).

Urge que os materiais didáticos superem as desvantagens do processo de aprendizagem que, por exemplo, perde em interesse para as novas tecnologias, conquistando-o leitor/leitora e estudante, a ir além. Processo tanto desejável quanto possível, ao menos com relação ao Ensino Religioso, pois através desta materialidade se propicia a descoberta de outros lugares outros tempos, outros jeitos de agir, e de ser, outra ética, outra ótica (Abramovich, 1989, pp. 25-28).

A literatura ainda pode constituir-se protagonista contra posicionamentos racistas, intolerantes e que negam os direitos humanos mais basilares. Por meio de trabalho docente intencional, é possível propiciar a reflexão e mudança de posturas, ainda que arraigadas na sociedade atual, em especial com relação à coexistência humana que supere as diferenças que excluem e discriminam, sem que para isso se recorra a dar respostas prontas e à banalização das violências.

A contribuição da literatura nessa caminhada de identificação das diferenças, se mostra útil e profícua quando aplicada ao Ensino Religioso – tendo em vista o processo de identificação possível entre leitor/leitora e personagens, que ao responder questões tão delicadas subsidiam o pensamento em outro caminho (tão) possível, esclarecendo as próprias dificuldades de forma a encontrá-los (Abramovich, 1989, p. 23.).

Além disso o contato com as próprias emoções, elaboradas a partir de outrem, elaboram de outra forma que não o confronto às tristezas, irritações, inseguranças, medos que permeiam a vida infantil. Por outro lado, também a apatia é confrontada ao perceber a tônica de relações que revelam alegrias, satisfações internas e externas, emprestando lentes de personagens que revelam outros pontos de vista.

A literatura à qual os estudantes têm acesso é, por vezes, explorada tão somente a partir de materiais didáticos, cujo uso pode ser apenas o pretexto para que se adquira esta ou aquela habilidade linguística. Ainda assim se faz necessário que, por meio dela, seja garantido o desenvolvimento de uma leitura crítica e transformadora (Junqueira, 2009, p. 120).

Conforme Sant’Anna (2005, p. 65), o conto é “uma das mais antigas formas de narração”. A autora continua citando os relatos históricos, batalhas e os sentimentos que trazem, mais a fantasia e que podem ter sentido religioso e de “expressão metafórica pois são representadas por imagens e símbolos”.

Da mesma forma que ocorre com as fábulas, com os contos também o trabalho educativo pode reforçar o ponto de vista de que literatura seja prática doadora de ideologias, e além da comunicação escrita, ainda se soma outras linguagens e veículos, onde se torna possível veicular a cultura ou culturas de determinada sociedade.

Neste contexto que a literatura infantil tem por principal finalidade encantar a criança, é a união do entretenimento e a instrução ao prazer da leitura, ela veio para educar a sensibilidade, reunindo a beleza das palavras e das imagens, levando a criança a desenvolver as suas capacidades de emoção, admiração, compreensão do ser humano e do mundo, entendimento dos problemas alheios e dos seus próprios, enriquecendo principalmente as suas experiências escolares, cidadãs e pessoais. Especificamente o fato de que esta literatura tem na criança a busca de uma explicação que, mesmo quanto mais lógica, é ainda mágica. Por isso, o gosto pelo mundo sobrenatural com fadas, ogros, bruxas serve para “dar asas à imaginação, o sujeito serve-se do real, justamente, para penetrar em sua fantasia”.

Por meio dela que a criança desperta uma nova relação com diferentes sentimentos e visões de mundo, adequando assim, condições para o desenvolvimento intelectual e a formação de princípios individuais para medir e codificar os próprios sentimentos e ações, ela passa a sentir mais confiança em si própria, mudando o jeito de pensar e agir, criando e dominando a sua emoção e sua imaginação. Quando manipulam um livro de Literatura Infantil ficam encantadas, pois os mesmos demonstram a sua realidade em forma de fantasia, através dos desenhos, das brincadeiras, das histórias e das músicas. Não há dúvidas de que a Literatura Infantil é importante, em vários aspectos, para favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, ela proporciona às crianças, meios para desenvolver habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagem. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade. Estas habilidades propiciariam no momento de novas leituras a possibilidade do leitor fazer inferências e novas releituras, agindo, assim, como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem não só da língua, mas também de outras disciplinas. A literatura infantil traz uma lição de

vida de forma imaginária, contribuindo para a formação da criança no processo de construção da sua personalidade. Ela é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático no trabalho da linguagem e na formação da criança, pois utilizar a literatura é trabalhar com pessoas e suas personalidades (Junqueira, 2009, pp. 126-127).

Entre famílias de pouca ou nenhuma leitura, e outras que impedem às crianças o acesso a livros raros, temos algumas em que se destaca a formação para a vida em que se planejam os momentos de leitura, com real interesse que a criança adentre ao universo do real e do imaginário – já que instâncias que se completam e ciclicamente enriquecem-se.

O sucesso acadêmico ou social da criança não depende somente de sua imersão enquanto leitora ou leitor, mas é enriquecido por esta prática, já que “alimenta de horizontes o tempo acordado” (Guedes, 1978, p. 32).

2. Narrativas religiosas como recurso de compreensão da linguagem simbólica

Torna-se significativo explorar a dimensão religiosa expressa na literatura, e é possível que isso abra possibilidades de conhecer por meio das histórias, o espaço ocupado pelo sagrado na vida dos seres humanos.

Em comum, a literatura e a religião nascem da necessidade dos seres humanos de expressar o mundo e expressarem-se nele, de relacionarem-se mutuamente e ainda poderem aferir sentido da existência.

As histórias contadas pelas religiões aferem sentido de identidade e destino, já que suas histórias (quer sejam mitos, poesias, contos, etc.) abordam as explicações sobre quem se é (no entendimento desta ou daquela religião) e ainda de onde cada pessoa veio e para onde irá. Nesse aspecto é possível dizer que as narrativas religiosas são também literaturas.

A narrativa literária, por sua vez, promove a relação do espaço que pode ser oficialmente sagrado e contribui para colocá-la no cotidiano da vida de um personagem, o que pode partir de um modelo real ou ser completamente imaginário considerando que, por meio da literatura, a Religião vai além da tradição religiosa e perpassa outras esferas da existência humana ao abordar

medos, anseios, conquistas, aventuras, *ethos*.

As narrativas religiosas oportunizam o desenvolvimento da linguagem, cuja complexidade torna possível um relacionamento com o mundo. Além disso possibilita a expressão de diferentes dimensões, possibilitando concretamente que dados brutos de uma realidade cheguem à consciência, entendendo que não há pensamento sem linguagem, nem objeto sem conhecimento. Uma das primeiras iniciativas humanas é nomear, batizar uma realidade desconhecida.

A linguagem, cujo uso se vê concretizado nas narrativas, transpassa os limites previsíveis entre autor e leitor ao apresentar situações da vida cotidiana e aquilo em que se crê, de forma comprovada ou não. Quando sagrada ela permite uma preparação prévia para situações, antecipando planos e estratégias e aferindo segurança mediante o tempo e o espaço.

O destaque para a linguagem religiosa, que por natureza é uma linguagem simbólico-evocativa, celebrativa, comunitária e narrativa, na abordagem dos conteúdos, é tão significativo pois a atitude de uma pessoa diante do fenômeno religioso não é, apenas, o resultado de conhecimentos e racionalização, muito menos exclusivamente de perspectiva psicológica (Alves, 2009, pp. 43-44).

Neste cenário a compreensão de que a religiosidade como a linguagem, é uma construção do sujeito, mas só é possível na interação social, pois, envolve a experiência afetiva de abrir-se ao sentido do outro. Ambas dependem de fatores endógenos (desenvolvimento do pensamento) e exógenos (interferência significativa e estimulante do meio ambiente), pois a linguagem revela o universo dos valores presentes na vida em comunidade. Considerando que a religião é uma forma de expressão do fenômeno religioso e ocorre dentro de uma cultura ou culturas, o ambiente social também interfere na avaliação do mundo e das pessoas na dimensão da expressão religiosa, inclusive opções como a negação, a construção de uma expressão própria, a confirmação ou adesão a uma nova religião que permite a humanização em que suplanta suas carências, o indivíduo é capaz de atribuir significado a suas experiências. Essa capacidade mostra que o agir humano vai além da pura materialidade. O desenvolvimento de uma prática impregnada pela reflexão permitiu o desenvolvimento da capacidade de interpretar, nomear e significar as coisas do mundo e a própria relação com elas. A preservação das experiências passadas, a memória coletiva, que atuará como

um mapa, especialmente a linguagem, exige que cada localidade seja ali corretamente identificada, cada traço representado na proporção exata. Se não corresponder ao território, o mapa de nada servirá. O diálogo com o mundo através da linguagem só é possível porque, para produzir condições necessárias à vida, ao mesmo tempo são desenvolvidas ações que transformam a realidade.

Com este sentido religioso que vai permitir a cada um, inicialmente, descobrir a própria linguagem verbal ou simbólica para comunicar-se espontaneamente com o Transcendente, à medida que o ser humano se insere na comunidade religiosa, ser-lhe-á permitida a utilização significativa dos símbolos comuns da religião. Ao Ensino Religioso interessa a linguagem total (interior, verbal, gestual e simbólica), que é um fenômeno ontogenético (individual) e filogenético (coletivo/social) e que depende da aquisição da função simbólica (ou semiótica) que dá origem ao pensamento, pela capacidade de representar mentalmente os dados da realidade apreendidos pela percepção, ou seja, de utilizar um significante (imagem mental, palavra, gesto ou símbolo) para representar um significado. Os quatro aspectos da competência linguística comunicativa, quais sejam falar, ouvir, ler e escrever, devem ser igualmente utilizados nesta área, na dinâmica de preparação, orientação e avaliação do trabalho escolar (Junqueira, 2009, pp. 104-106), pois, a capacidade e a riqueza material é relevante para ajudar no intercâmbio entre a Literatura e as manifestações religiosas do texto literário, a fim de contribuir com uma educação que possibilite a religação do homem com sua dimensão transcendente.

3. Ensino Religioso e Literatura: breve panorama

Para outras disciplinas, que não o Ensino Religioso, é histórico e notório o ‘silêncio’ dos livros didáticos sobre a questão do Transcendente e sobre a dimensão religiosa do ser humano. Na década de 1980, Eco e Bonazzi (1980, p. 69) observaram que “os textos didáticos [...] não tentam, nem de longe, colocar a criança ante o problema religioso, ante a interpretação religiosa da existência”.

Segundo os autores, isso revela que os livros didáticos contribuem, por meio dessas lacunas mencionadas, para um projeto educacional que educa para a construção de cidadãos passivos, capazes somente de obedecer e não de discutir os ditames da realidade em que vivem, estando sequer cientes a respeito

de seus mais elementares direitos, tendo em vista o distanciamento destes e da vida cotidiana, ao menos no período estudado, a década de 1980.

Na história do Ensino Religioso foram localizados textos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, que no modelo confessional se resumia aos Catecismos. Este modelo se mantém em operação em escolas particulares e confessionais. Os textos doutrinários visavam orientar o comportamento social, ilustrado com histórias bíblicas, conduzindo para conclusões com indicações de como comportar-se (Orlando, 2008, p. 214), que são denominadas “lições de moral”, prática explicitada no uso de fábulas.

Posteriormente, houve a utilização de diferentes tipologias textuais, como letras de música, por exemplo, sob influência de concepções catequéticas europeias, em movimentos chamados bíblicos e querigmáticos. Esta mudança também foi influenciada pela Escola Nova a partir de quando se ensaiaram movimentos a fim de constituir e revelar a identidade da disciplina. Nessa época, as práticas estavam dirigidas para processos reconstitutivos de experienciar as práticas da/na disciplina, que atendia à manutenção dos caracteres religiosos da sociedade urbana. Fatos revelados quase pela totalidade dos livros didáticos pesquisados, já que estes são produzidos tendo em mente o uso em escolas confessionais e, portanto, privadas.

Posteriormente o Ensino Religioso, enquanto componente curricular, colocou-se como um dos elementos de leitura das culturas que interferem nas ações do ser humano, entendendo que religião tem o papel de fator de integração e/ou desintegração social à medida que, nas sociedades humanas e, em especial, na brasileira, o pluralismo religioso é corresponsável pelo processo de transmissão de determinados valores e contra-valores.

Contemporaneamente, percebe-se o ensino escolar buscando propiciar a construção de conhecimento. E ao propor conteúdos que contemplem as diversidades cultural e religiosa brasileiras, promovem a alteridade ou a “outridade”, onde é possível aprender com o outro e assim respeitar as características singulares e as diversidades: étnico, racial, religiosa, etc. Ainda assim os materiais impressos até o ano de 2015 carecem desta abordagem da diversidade religiosa humana.

Pensar no espaço educativo construído com base nesses saberes é

entender que, além dos estímulos para o crescimento intelectual, estão os saberes das religiões, que podem colaborar por formar uma herança social e cultural de preço incalculável, pois possibilitam o exercício do diálogo inter-religioso, numa perspectiva de conhecimento cultural, e, ainda, de acolhida e de aprendizagem com aquilo ou aquele que é diferente.

A partir desta leitura é proposto o estudo dos textos religiosos escritos ou oralmente transmitidos como um dos conteúdos a serem explorados no Ensino Religioso. Pois, o texto elaborado pelas comunidades passa a ser a base dos diversos saberes que serão produzidos no interior da tradição religiosa, tais como: a doutrina, os ritos, a moral, a simbologia etc.

Nas aulas de Ensino Religioso, para os que creem na literatura religiosa ou texto sagrado, as relações humanas podem se tornar significativas, de forma positiva. Primeiro consigo próprio, já que amplia a compreensão da própria existência, e ainda no coletivo por ensinar a lidar com as diferenças sociais – proporcionando o acolhimento sem juízo de valor.

O texto, seja na oralidade ou impresso, de forma geral afeta a aprendizagem e a formação identitária das comunidades. Quando a literatura se encontra coligada às práticas docentes do Ensino Religioso, é possível aferir que amplia condições de diálogo, de experiências e abstrações.

A leitura e a narração de histórias são atividades significativas para o Ensino Religioso, enquanto componente curricular, assim como para outras disciplinas¹, nos diferentes segmentos escolares.

Além das histórias bíblicas, utilizadas exclusivamente ao longo de décadas como texto sagrado, é necessário recheiar o cotidiano das crianças com textos sagrados de outras religiões, como por exemplo o Torá judaico, o Alcorão islâmico, o Vaidika dharma e a Bhagavad Gita do Hinduísmo, os pontos do Candomblé e da Umbanda, além de muitos outros que podem revelar inclusive características de tradições orais, como os livros de Daniel Munduruku, que resgatam importantes e ricas tradições indígenas.

Acredita-se que os textos são inspirados por manifestação divina, sagrados ou não, e na proporção que são veiculados podem colaborar para que a mensagem chegue aos seus destinatários (seres humanos), além de seu uso e apropriação podem propiciar a manifestação deste Sagrado.

A literatura, seja através de narrativas cotidianas, contos fantásticos ou texto sagrado, possibilita oportunidades de refletir sobre a própria experiência religiosa, abre a possibilidade de questionamento dos próprios valores, e enriquece de elementos para o conhecimento de si, e também do outro – já que desmistifica crenças limitadoras do senso comum.

4. Literatura como espaço de diálogo

A linguagem literária revê formas do discurso religioso, além de concretizá-las e interpretá-las, possibilitando melhor compreensão. Enquanto caminho, ela fornece pistas para o diálogo da disciplina com a Ciência da Religião, ao apresentar estruturas que remetem à transcendência e às diferentes formas de crer.

Amplia as condições do conhecimento social, cultural e étnico, revelando caracteres próprios do contexto histórico e cultural onde foi produzida, de forma conectada às religiões. A literatura religiosa contribui ainda para a escrita histórica, afinal revela caracteres históricos de forma contextualizada, auxiliando a “ciência dos homens no tempo” (Le Goff *apud* Bloch, 2001, p. 7). As histórias, sejam elas apresentadas da forma que forem, ocupam lugar privilegiadíssimo no processo educativo com relação à religião, ainda que possa sob o primeiro olhar revelar mais do que as benesses da prometida transformação humana.

Nestes portadores textuais é possível perceber posicionamentos francamente contra preconceitos e, concomitantemente, linguagem preconceituosa. Da mesma forma é possível perceber a negação de direitos às minorias discriminadas em discursos intensos que defendem mulheres, populações pobres, indígenas, etc.

Na mesma proporção é possível encontrar textos que “religiosos” pretendem a liberdade, a justiça, a verdade e outros valores, mas que indicam o cerceamento destes princípios para a vida daqueles que discordam ou não aderem à fé.

Na concepção atual da disciplina escolar do Ensino Religioso, que prioriza as questões religioso-culturais, a conotação que se dá à temática religiosa, utiliza as competências que a linguagem proporciona, ou seja, fala-se a linguagem não

desta ou daquela tradição religiosa, mas de todo o ser humano à procura, não numa linha neutra, vaga, mas em modelos concretos, coerentes com as tradições e as culturas do povo.

Em uma sociedade plural como a brasileiro, se faz necessário que o respeito permeie todas as relações. Grupos, imigrações, culturas e etnias impuseram às regiões brasileiras características culturais diferenciadas entre si. A convivência entre grupos distintos pode trazer, no que tange às relações sociais, preconceitos e discriminações.

O desafio de toda a Educação, enfrentado especialmente durante as aulas de Ensino Religioso, é a superação dos limitadores de convivência pacífica e de alteridade, e promover o conhecimento da multiplicidade e riqueza de cada cultura, por meio do viés religioso, valorizando cada uma das muitas faces da brasilidade, a fim de fomentar o respeito aos direitos humanos, o combate a qualquer discriminação e a promoção de relações que oportunizem acesso, permanência e sucesso a uma vida digna.

As aulas devem buscar a garantia de dignidade e cidadania a todos indistintamente, se creem no que creem ou se optam por esquivar-se de qualquer religião. E, para isso, opta-se também por explorar as mais diferentes linguagens, incluindo a literária.

Considerações finais

As pesquisas empreendidas junto aos livros didáticos da disciplina indicam que ainda se evoca a “moral da história” no percurso de construção de conhecimento. Ainda que no imaginário infantil o que imprime profundas marcas seja o drama da fábula, são as relações de astúcia que apresentam os personagens e outras questões relacionadas à história pessoal de cada estudante.

Apesar da produção qualificada na literatura infantil em que temas como diversidade, ritos e o valor do texto são explorados por ilustradores e autores da literatura infantil, temos ainda na moralidade um traço recorrente em textos didáticos.

Acrescente-se que nesse processo, os materiais parecem indicar que a

escola apresenta uma lógica de dominação, estabelecendo uma relação de poder por meio de um controle disciplinar exercido pelo professor. Nesta lógica, o professor ainda é considerado a figura dominante e guardião do saber, assim sendo os estudantes se “amoldam” ao que é imposto pelo adulto, a fim de conquistarem uma relativa “tranquilidade”.

Assim, tanto a reflexão com relação ao instrumental da Literatura, quanto a disciplina escolar do Ensino Religioso, urge estar associada a ponderar os caracteres do contexto geral de cada sistema educacional, das estruturas da sociedade brasileira e as inter-relações que a compõem (Estado, mercado, indústria cultural, etc.), e de outros fatores que impõem formas rígidas a produção cultural e literária, em especial no tocante à literatura infanto-juvenil.

Em outra ponta da reflexão estão os livros didáticos, independente da disciplina que se destinam. As questões de produção, usos e consumos indicam que vale a pena pensar sobre a forma como ele é concebido, produzido e utilizado. Em que medida busca atender as leis de mercado, silenciando temas importantes e concorrendo para o sucesso de posições predispostas e hegemônicas, e inversamente desconsiderando as curiosidades infantis e as bagagens culturais muito particulares de cada estudante.

Desta forma constata-se que o livro didático ainda não é visto nem tomado somente como um instrumento de trabalho auxiliar na sala de aula, mas sim como a autoridade, a última instância, o critério absoluto de verdade, o padrão de excelência a ser adotado na aula. Essa falta de crítica em relação ao livro didático vem acompanhada de uma visão estreita em relação ao que é útil, necessário e recomendável para o aluno” (Freitag, Costa e Motta, 1989, p. 45).

Questão bastante pertinente é ainda a forma como cada criança é considerada, nos pontos comuns, e que resposta é oferecida para as que distam do modelo “padrão” estabelecido. Se faz mister pensar no projeto editorial a respeito da idade cronológica, com necessidades físicas e motoras específicas, e da mesma forma os limites de capacidade cognitiva. Isso independente da disciplina, da religião e da sociedade em que ela está inserida.

Referências

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- ALVES, L. *Cultura Religiosa: caminhos para a construção do conhecimento*. Curitiba: Ibplex, 2009.
- BLOCH, MARC. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*; Prefácio: Jacques Le Goff; Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz; Tradução: André Telles – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- DISSENHA, I; JUNQUEIRA, S. *Fundamentos do Ensino Religioso*. Curitiba: IESD Brasil, 2015.
- FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002.
- FREITAB, B.; COSTA, W. F.; MOTTA, V. R.. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1989
- GUEDES, Beto. Amor de índio. In: *Amor de índio*. São Paulo: Emi-Odeon. LP. Faixa 1. 1978.
- JUNQUEIRA, S. (Org.). *Sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso*. Curitiba: Ibplex, 2009.
- ORLANDO, E de Almeida. *Por uma civilização cristã: A Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)*. 2008. 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão.
- REGO, L. *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola*. São Paulo: FTD, 1988.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- SANT'ANNA, Vera Lucia Lins. A literatura fantástica e a influência do imaginário religioso infantil. Belo Horizonte: *Revista Horizonte*. vol. 3, nº. 6, p. 59-76. 2005. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4740583.pdf>. Acesso em 08.abr.2017
- YUNES, E.; PONDÉ, G. *Literatura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.

¹ Indica-se a leitura da lenda da Matemática, onde se afirma que sem ela “as artes não podem progredir e todas as outras ciências perecem. TAHAN, Malba. O Homem que calculava, 79a.edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Recebido em 25/07/2017, revisado em 26/11/2017, aceito para publicação em 02/01/2018.